

## Pontos comuns entre pesquisa qualitativa e tradução poética

Juliana Cunha Menezes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva traçar um paralelo entre duas áreas da linguagem que, aparentemente, não apresentam muitos pontos em comum: a pesquisa qualitativa relacionada à Sociolinguística e as abordagens utilizadas no estudo da tradução poética. Para atingir tal objetivo, um diálogo foi estabelecido entre autores que levantam as questões da interpretação, da qualidade e do distanciamento do pesquisador na pesquisa qualitativa, como, por exemplo, *Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social*, de Thomas Schwandt, e outros que tratam de concepções similares no campo da tradução de poesia, como *Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia*, de Paulo Britto.

**Palavras-chave:** Pesquisa Qualitativa; Tradução Poética; Interpretação.

### Common points between qualitative research and poetic translation

**ABSTRACT:** This paper aims to draw a parallel between two fields on language which, apparently, do not have many points in common: qualitative research related to Sociolinguistics and the approaches used in poetic translation study. In order to reach this goal, a dialog was established among texts that raise issues of interpretation, quality and researcher detachment in qualitative research, such as *Three epistemological stances to qualitative inquiry: Interpretivism, hermeneutics and social constructionism*, by Thomas Schwandt, and others that deal with similar conceptions in the poetic translation area, such as *Towards more objective evaluation of poetic translation*, by Paulo Britto.

**Keywords:** Qualitative Research; Poetic Translation; Interpretation.

### Introdução

A grande área dos estudos linguísticos abrange diversos campos, dentre eles, a Sociolinguística e a tradução de poesia. Cada um destes apresenta questões próprias, que dificilmente se estendem para outros campos, e também algumas concepções que podem se assemelhar com aquelas de outros estudos que, a princípio, podem parecer

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos da Linguagem, PUC-Rio. Bolsista Faperj.  
E-mail: [jcmrestless@gmail.com](mailto:jcmrestless@gmail.com)

bastante distintas. No presente trabalho, veremos aproximações entre a pesquisa qualitativa relacionada à Sociolinguística e o estudo da tradução poética.

### **1.A interpretação na pesquisa qualitativa e na tradução de poesia**

Uma das questões mais discutidas na pesquisa em tradução de poesia é a interpretação. A fim de traduzirmos, precisamos interpretar o texto original, para podermos reescrevê-lo na língua de chegada. Para Eco, há dois tipos de interpretação:

A interpretação semântica ou semiótica é o resultado do processo pelo qual o destinatário, diante da manifestação linear do texto, preenche-a de significado. A interpretação crítica ou semiótica é, ao contrário, aquela por meio da qual procuramos explicar por quais razões estruturais pode o texto produzir aquelas (ou outras, alternativas) interpretações semânticas. (Eco, 2000, p.12)

O tradutor de poesia deve utilizar ambas as interpretações: uma interpretação literal, e outras leituras a partir do literal.

Na pesquisa qualitativa relacionada à Sociolinguística, a interpretação dos dados também ocupa um lugar primordial. Muitos pesquisadores, após gerarem seus dados, se questionam sobre como devem interpretá-los. Na pesquisa participatória realizada por Elizabeth Whitmore, tal questão é abordada. A pesquisa consistia na avaliação de um programa de pré-natal. Tudo começou quando a moradora de uma comunidade canadense (que mais tarde torna-se a coordenadora do programa) percebeu a necessidade de se implementar um programa de pré-natal para mulheres solteiras. Tal grupo era marginalizado racialmente, possuía mínima instrução e poucas oportunidades de emprego. A maioria dessas mulheres recebia ajuda financeira do governo como fonte primária de renda. Esse programa consistia em consultas médicas para as gestantes e pequenas reuniões com a coordenadora. Esta contratou uma das grávidas como assistente. Nesses encontros, as mães podiam compartilhar experiências e fazer perguntas. Vários assuntos do interesse das gestantes eram abordados como, por exemplo, as questões físicas envolvidas no parto.

Para avaliar o programa, Whitmore realizou uma pesquisa participatória. Em seu texto, a pesquisadora esclarece que a abordagem participatória utilizada partia dos seguintes pressupostos:

*Ordinary people are capable of generating knowledge which is as important and as valid as that produced by more highly structured and scientific processes. This*

*model also recognizes that science is a cultural product and both the processes and results reflect a historical and cultural context.*<sup>2</sup> (Whitmore, 1994, pp. 84-85)

Para essa pesquisa, Whitmore recrutou quatro mães que já haviam participado do programa. A maioria dos dados foi gerada entrevistando-se outras participantes do programa com a ajuda de questionários. Tais entrevistas foram realizadas pelas quatro ex-participantes do programa. Outras fontes de dados foram entrevistas detalhadas com a coordenadora do programa e sua assistente, e foram realizadas por Elizabeth.

Na análise dos dados, Whitmore e as quatro participantes apresentavam uma série de respostas dos questionários e então as discutiam em grupo. Em seu texto, Whitmore discorre sobre essa etapa da pesquisa: *“In some cases, the response tells us something quite clear. In others, it’s more a matter of interpretation. And here their own knowledge of the programme, the respondents and the context helps.”*<sup>3</sup> (Whitmore, 1994, p. 88).

Nesse caso, como o literal não se apresenta claro, precisamos nos voltar para diferentes aspectos que podem nos ajudar a fazer outras leituras. Muitas vezes, para esclarecer a interpretação de um poema, vários fatores precisam ser levados em consideração, como a vida do poeta, seu estilo, sua obra. Em relação a essas questões, Britto discute Emily Dickinson:

O caso de Emily Dickinson é particularmente interessante: trata-se de uma poeta culta que adota o metro de balada em toda sua obra. Artista de grande sutileza intelectual, Dickinson optou por trabalhar exclusivamente com o repertório métrico popular, criando desse modo uma tensão entre o plano da forma ó tradicionalmente associada à simplicidade, à singeleza, à espontaneidade ó e a seriedade e densidade intelectual do plano semântico. Em outras palavras, há nessa poesia um contraste entre o significado da forma e o significado do conteúdo. Ao trabalhar com essas formas populares, porém, Dickinson com frequência desvia-se do padrão tradicional, cometendo aparentes erros de metrificação, usando rimas imperfeitas, etc. Para um leitor desavisado (como Thomas Wentworth Higginson e Mabel Loomis Todd, seus primeiros editores, que sentiram necessidade de ócorrigirö seus versos) essas irregularidades não passavam de sinal de imperícia técnica; no entanto, uma leitura mais atenta deixa claro que esses desvios em relação à norma são funcionais, visando a realização de efeitos calculados. (Britto, 2008b, p. 26)

Nesse caso, o conhecimento sobre a obra de Dickinson é essencial para a interpretação de seus poemas.

---

<sup>1</sup> Pessoas comuns são capazes de gerar conhecimento que é tão importante e válido quanto aquele produzido por processos mais altamente estruturados e científicos. Esse modelo também reconhece que a ciência é um produto cultural e que tanto o processo quanto os resultados refletem um contexto histórico e cultural. (Todas as traduções de citações foram feitas pela autora deste artigo).

<sup>3</sup> Em alguns casos, a resposta nos diz algo bem claro. Em outros, é mais uma questão de interpretação. E aqui o conhecimento delas sobre o programa, as entrevistadas e sobre o contexto ajuda.

Na pesquisa qualitativa, outros fatores também contribuem para a interpretação dos dados. Sobre isso, Bastos discute Goodwin:

Em uma caminhada marcada pela coerência, Goodwin vem nos mostrando como a linguagem é organizada em atividades sociais da vida cotidiana. Observa a relevância de cada olhar, gesto, expressão e movimento corporal na sequência de ações ó em seu trabalho fica muito clara a convicção da Análise da Conversa etnometodológica de que nenhum detalhe pode ser desprezado, e de que qualquer detalhe pode ser relevante para a análise e compreensão do que está acontecendo. É fascinante como documenta a sincronia dos múltiplos sistemas semióticos em funcionamento, a movimentação de corpos e olhares na dinâmica das interações cotidianas. (Bastos, 2010, p. 99)

Detalhes que podem ser considerados secundários, ao menos a princípio, podem ser de extrema importância para a pesquisa.

Na área de tradução poética, a interpretação de um dado poema também depende de diversos aspectos que não podem ser desprezados como, por exemplo, os efeitos que as diferentes rimas, aliterações e assonâncias produzem no poema. Tudo isso deve ser levado em conta na interpretação, e conseqüentemente, na tradução poética. Isso se deve, pois, segundo Britto,

Temos consciência de que o texto poético trabalha com a linguagem em todos os seus níveis ó semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros. Idealmente, o poema deve articular todos esses níveis, ou pelo menos vários deles, no sentido de chegar a um determinado conjunto harmônico de efeitos poéticos. (Britto, 2002, p.54)

Na poesia, todos esses níveis influenciam tanto na interpretação quanto na tradução. Meschonnic, um renomado teórico da tradução, destaca a importância do ritmo para a tal prática, pois, para ele, o ritmo seria ãa organização e a própria operação do sentido no discursoö (Meschonnic, 2010, p. 43). Na tradução poética, levar o ritmo em consideração é essencial.

Na investigação qualitativa, uma postura epistemológica que pode ser utilizada é a hermenêutica filosófica. Em seu texto, Schwandt esclarece alguns aspectos dessa postura:

Logo, chegar a uma compreensão não é uma questão de deixar de lado, de escapar, de controlar ou de rastrear o ponto de vista, os julgamentos, as visões tendenciosas ou os preconceitos próprios do indivíduo. Pelo contrário; a compreensão requer o *engajamento* das tendenciosidades do indivíduo. (Schwandt, 2006, p. 199)

Dessa forma, a pesquisa torna-se mais rica e produtiva. A interpretação para a tradução de poesia pode ser encarada de forma semelhante.

Para a tradução poética, podemos levar em conta as contribuições de Eco quanto à interpretação:

Se nos últimos tempos o privilégio conferido à iniciativa do leitor (como único critério de definição do texto) adquire excepcionais características de visibilidade, na verdade o debate clássico articulava-se, antes de mais nada, em torno da oposição entre esses dois programas:

- (a) deve-se buscar no texto aquilo que o autor quer dizer;
- (b) deve-se buscar no texto aquilo que ele diz, independentemente das intenções do autor.

Só com a aceitação da segunda ponta da oposição é que se poderia, em seguida, articular a oposição entre:

- (b1) é preciso buscar no texto aquilo que ele diz relativamente à sua própria coerência contextual e à situação dos sistemas de significação em que se respalda;
- (b2) é preciso buscar no texto aquilo que o destinatário aí encontra relativamente a seus próprios sistemas de significação e/ou relativamente a seus próprios desejos, pulsões, arbítrios. (Eco, 2000, pp. 6-7)

De acordo com o item (b2), as tendenciosidades do leitor são fatores que contribuem para a interpretação de um texto como, por exemplo, de um poema.

Na pesquisa qualitativa, podemos falar sobre a superinterpretação dos dados. Acerca dessa questão, Wolcott argumenta que

*A pervasive problem with interpretation is the temptation to reach too far beyond the case itself in speculating about its meanings or implications. Interpretation is not bound to the descriptive account as analysis (as defined here), but that does not free the researcher to float away with no discernible link to the case at all. Qualitative researchers are welcome to their opinions, but focused inquiry is not a soapbox from which researchers may make any pronouncement they wish.*<sup>4</sup> (Wolcott, 1994, p. 37)

Uma maneira de evitar tal problema pode ser por meio de discussões com pesquisadores que não estejam envolvidos em uma dada pesquisa. Dessa forma, o pesquisador pode ter acesso a opiniões õde foraõ e, assim, analisar suas interpretações e verificar se são plausíveis.

Eco também discute a superinterpretação:

---

<sup>4</sup> Um problema que permeia a interpretação é a tentação de ir muito além do caso em si ao se fazer especulações sobre seus significados e implicações. A interpretação não está vinculada à descrição como a análise (como definido aqui), mas isso não possibilita que o pesquisador faça interpretações aleatórias sem nenhuma ligação discernível com o caso. As opiniões dos pesquisadores qualitativos são bem-vindas, mas a investigação focada não é uma plataforma em que os pesquisadores podem fazer qualquer afirmação que desejarem.

Podemos levar isso ao limite e afirmar que há uma relação entre o advérbio *denquantoö* e o substantivo *õ crocodiloö* porque ó pelo menos ó apareceram juntos na sentença que acabei de pronunciar. Mas a diferença entre a interpretação *sã* e a interpretação paranoica está em reconhecer que esta relação é mínima e não, ao contrário, deduzir dessa relação mínima o máximo possível. O paranoico não é o indivíduo que percebe que *denquantoö* e *õ crocodiloö* aparecem curiosamente no mesmo contexto: o paranoico é o indivíduo que começa a se perguntar quais os motivos misteriosos que me levaram a reunir estas duas palavras em particular. O paranoico vê por baixo de meu exemplo um segredo, ao qual estou aludindo. (Eco, 2001, p. 57)

Como poemas costumam apresentar linguagem em sentido figurado, a interpretação paranoica é bastante comum. Assim como em pesquisa qualitativa, uma forma de evitar a interpretação paranoica é entrando em contato com pontos de vista que se encontram mais *õfastadosö* do objeto em questão ó do poema, por exemplo.

## 2.A qualidade na pesquisa qualitativa e na tradução de poesia

Voltando ao texto de Whitmore, a autora discorre sobre a qualidade da investigação ao citar Reason:

*we can no longer argue that our inquiry is in any sense a search for ~~truth~~ We can very clearly accept the post-modern statement that we are in a situation ~~after truth~~ So within this field of emerging practice, we need a methodological inquiry into the question of quality: what is a good research.*<sup>5</sup> (Reason, 1991b, p. 3 *apud* Whitmore, 1994, p. 98)

Para a autora, o mais importante seria a qualidade da pesquisa. Segundo Whitmore (1994), é uma ilusão acreditarmos que sabemos o *õverdaderoö* significado do que ouvimos e vemos. A partir disso, podemos argumentar que, em relação às respostas das entrevistadas, seria ingênuo de nossa parte achar que todas elas responderam todas as perguntas com plena sinceridade. Porém, desde que a pesquisa ajude a aprimorar o programa de pré-natal de alguma maneira, ela já será válida.

A questão da qualidade em tradução de poesia está diretamente ligada à fidelidade, que pode ser encarada de diversas maneiras. Sobre a fidelidade, Britto cita Arrojo:

a tradução de um poema e a avaliação dessa tradução não poderão realizar-se fora de um ponto de vista, ou de uma perspectiva, ou sem a mediação de uma *õinterpretaçãoö*. Portanto, a tradução de um poema, ou de qualquer outro texto, inevitavelmente, será fiel à visão que o tradutor tem desse poema e, também, aos objetivos de sua tradução. [...] Tanto Paulo Vizioli quanto Augusto de Campos são

<sup>5</sup> não podemos mais dizer que nossa investigação é, em qualquer sentido, uma busca pela *õverdade* Podemos aceitar muito claramente a afirmação pós-moderna que estamos numa situação *õpós-verdade* Então, dentro dessa área de prática emergente, precisamos de uma investigação metodológica sobre a questão da qualidade: o que é uma boa pesquisa.

õfiéisõ às suas concepções teóricas acerca de tradução e acerca da poesia de Donne, e, nesse sentido, tanto as traduções de um como de outro, são legítimas e competentes. Inevitavelmente, as traduções de cada um deles agradarão aos leitores que, consciente ou inconscientemente, compartilharão de seus pressupostos, e desagradarão àqueles que, como Ascher, já foram seduzidos por pressupostos diferentes. (Arrojo, 1993, pp. 24-25 *apud* Britto, 2006b, p. 239)

Britto comenta o trecho acima de Arrojo:

A alternativa que proponho é esta: ainda que não haja um consenso absoluto, e ainda que cada um de nós faça seus próprios julgamentos com base em seus próprios pressupostos, é possível utilizar o discurso racional para fazer avaliações e tecer considerações em torno de traduções, fazendo referência a certas propriedades dos textos traduzidos com relação às quais há um certo grau de acordo entre um bom número de pessoas envolvidas nas atividades de traduzir. Dadas duas traduções de um mesmo texto, A e B, cotejem-se A e B com o original e uma com a outra, linha a linha, sílaba a sílaba, examinando e pesando as diferenças, para se chegar a uma conclusão baseada em fatos (não em impressões subjetivas e conceitos vagos, do tipo ãA flui mais que Bõ ou ãA capta melhor o espírito do original que Bõ) e expressa em argumentos lógicos (não, por exemplo, em trocadilhos). (Britto, 2006b, p. 252)

A fidelidade na tradução poética está diretamente ligada aos conceitos de correspondência e de perda. Segundo Britto,

[...] quanto maior a correspondência entre um elemento do original e sua contraparte na tradução, menor terá sido a perda. Definimos esse conceito a partir de uma visão de níveis de correspondência: quanto maior a correspondência ponto a ponto entre os componentes de um dado elemento do original e os componentes de sua contraparte na tradução, menor terá sido a perda. (Britto, 2002, pp. 65-66)

Em tradução de poesia, quanto maior a correspondência, menor é a perda e mais fiel é a tradução. Quanto mais fiel é a tradução, maior sua qualidade. Como na pesquisa qualitativa, não precisa haver uma busca pela õverdadeõ, pela õtradução perfeitaõ. Sabe-se que pode haver diversas traduções boas de um mesmo poema, mesmo que nenhuma delas consiga reproduzir todos os efeitos, sem exceção, do poema original. Mesmo sem nenhuma delas alcançarem a õfidelidade totalõ, elas certamente contribuem para o enriquecimento da literatura das línguas de chegada. Acerca disso, Laranjeira assinala que,

Em suma, nunca se há de pretender que o poema gerado pela tradução seja idêntico, em tudo e por tudo, ao poema original. [...] Só o poema gerado assim pode contribuir, tanto quanto qualquer poema original ou mais, para o enriquecimento da cultura em que o poeta-tradutor o (re)gerou. A tradução, nas condições que se colocam, é instauradora de texto na língua-cultura de chegada. (Laranjeira, 1993, p.144)

### **3.A ausência do tradutor poético e o distanciamento do pesquisador qualitativo**

Na pesquisa qualitativa, a questão do distanciamento do pesquisador é bastante discutida. Segundo Gilberto Velho,

Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a necessidade de uma *distância* mínima que garanta ao investigador condições de *objetividade* em seu trabalho. [...]

Sem dúvida, essas premissas ou dogmas não são partilhados por toda a comunidade acadêmica. A noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada<sup>6</sup>. (Velho, 1978, p.36)

Tal envolvimento faz parte da pesquisa. Ele não é somente inevitável, como também é bem-vindo. Desse modo, o pesquisador e o pesquisado trabalham juntos, enriquecendo a investigação.

Uma questão semelhante também costuma estar em pauta em tradução de poesia: a ausência do tradutor. Para alguns, uma boa tradução é aquela em que não se nota a presença de um tradutor por trás daquele texto. Laranjeira discorda disso:

E uma tradução só tem vida e valor próprios se for o fruto de um trabalho de produção do sujeito, em toda sua complexidade, e não uma simples translação de estruturas semântico-sintáticas. Quando o escrito é texto, o sujeito que o escreve nele se inscreve e se escreve, compulsivamente. [...] Isso significa que a tradução leva as marcas do sujeito tradutor tal como qualquer poema leva, carrega e exhibe as marcas do poeta que o gerou. É, pois, mera ilusão pretender-se fazer uma tradução que não pareça tradução, se com isso se entende uma tradução que não tenha as suas próprias marcas. (Laranjeira, 1993, p.124)

Para Laranjeira, uma boa tradução é aquela em que se percebe a presença do tradutor, aquela que parece uma tradução e que não esconde as características do poeta-tradutor. Para esse autor, ainda, tal ausência não corresponderia à realidade.

Na pesquisa qualitativa, nota-se que a investigação dá mais frutos quando o pesquisador não se afasta do processo. De forma semelhante, percebe-se que o poema ganha mais vida quando o tradutor não esconde suas marcas.

### **Considerações finais**

Algumas questões envolvidas na pesquisa qualitativa e na tradução de poesia são similares. Por exemplo, Whitmore e Bastos discorrem sobre diversos aspectos e detalhes não devem ser ignorados na interpretação, contribuindo para o esclarecimento dos dados. Schwandt discute a hermenêutica filosófica, tratando da importância das tendências do pesquisador na interpretação de uma situação. Ainda em relação à

---

<sup>6</sup> Ver por exemplo o trabalho de Howard S. Becker, *De que lado Estamos*, em *Uma Teoria da Ação Coletiva*, Zahar Editores, 1977. (nota de Velho)



interpretação, Wolcott destaca a superinterpretação dos dados, chamando a atenção do pesquisador para que não vá exageradamente além do caso em si.

A questão da qualidade abordada por Whitmore também pode ser pensada em tradução poética, pois assinala a importância de pesquisas que ajudam a melhorar alguma situação e que não buscam a õverdadeõ.

Em relação ao distanciamento do investigador qualitativo, os argumentos de Velho são válidos também para a tradução de poesia, pois afirmam que já é clara a noção de que o envolvimento do pesquisador não é visto negativamente.

Aparentemente, a metodologia qualitativa de pesquisa e a tradução de poesia não apresentam noções em comum. Porém, por meio do presente trabalho, foi possível observarmos algumas questões similares nessas áreas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Liliana. Interação, múltiplas semioses e corpo: uma interlocução com Charles Goodwin. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 8, nº 2, p. 99-102, mai-ago, 2010.

BRITTO, Paulo H. Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia. In: Krause, Gustavo Bernardo. *As margens da tradução*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002.

\_\_\_\_\_. Fidelidade em tradução poética: o caso Donne. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. X, nº 15, p. 239-254, jul-dez, 2006b.

\_\_\_\_\_. A tradução para o português do metro de balada inglês. *Fragments*, Florianópolis, v. 34, p. 25-33, jan-jun, 2008b.

ECO, Umberto. Intentio lectoris: apontamentos sobre a semiótica da recepção. In: *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. Superinterpretando textos. In: *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LARANJEIRA, Mário. Fidelidade e reescritura em tradução poética. In: *Poética da tradução*. São Paulo: EDUSP, 1993.

MESCHONNIC, Henri. Ritmo e tradução. In: *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S. (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Nunes, Edson. (org.). *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

WHITMORE, Elizabeth. To tell the truth: working with oppressed groups in participatory approaches to inquiry. In: Reason, Peter. (Ed.). *Participation in Human Inquiry*. London: SAGE Publications Ltd, 1994.

WOLCOTT, H. F. Description, Analysis, and Interpretation. In: *Transforming Qualitative Data*. New York: Teachers College Press, Columbia University, 1994.

Recebido em 9 de janeiro de 2013.

Aprovado em 11 de fevereiro de 2013.